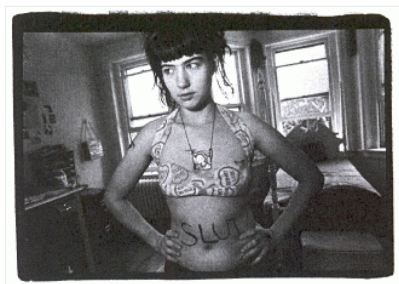


A Música Feminista das Riot Girls

Postado em: **13/07/2011** por: **Autoras Convidadas**

Texto de **Renata Arruda**

Aqui no Brasil fala-se pouco sobre isso. Mas, segundo o [The Guardian](#), mesmo após 20 anos, o movimento das Riot Girls (ou [riot grrrls](#)) continua relevante para meninas que buscam sua própria independência musical tocando rock. O movimento surgiu nos anos 90 como uma resposta ao machismo do movimento punk – e do rock em geral, que relegava às mulheres posições somente como vocalistas, como se mulheres não fossem capazes de tocar instrumentos considerados masculinos como: guitarra, bateria e baixo. Uma das ideias de incentivo às meninas era que “não importa se você toca bem ou não, o importante é ter algo a dizer”. Se estabeleceu nos EUA e alguns creditam a origem do nome à [Alison Wolfe](#), da banda de punk rock [Bratmobile](#) – uma das pioneiras do riot grrrl junto ao [Bikini Kill](#), liderada pela ex-stripper [Kathleen Hanna](#), que acabou se tornando a banda porta-voz do movimento.



— Imagem: Kathleen Hanna, do Bikini Kill, em 1992.
Foto de Linda Rosier.

O Bikini Kill surgiu inicialmente como um fanzine e logo houve a necessidade de montar uma banda para reforçar o que seria o embrião de um movimento. Durante as apresentações da banda, Kathleen “convidava” os rapazes a irem para o fundo e convocava as meninas à ocupar posições privilegiadas em frente ao palco (onde a banda entregava zines e letras de músicas para elas) e costumava ter atitudes ditas “chocantes”, como levantar a blusa e exibir palavras como ‘slut’ (vadia) e “rape” (estupro) escritas em seu corpo. Uma forma de protesto contra a violência e o preconceito com a sexualidade feminina, não muito diferente daquela que assistimos recentemente ao redor do mundo, desta vez com as mulheres em marcha pelas ruas.

No Brasil, a principal banda representante do rock feminista é a [Dominatrix](#), liderada pela vocalista e guitarrista [Elisa Gargiulo](#). A banda foi formada no final de 1995, inicialmente com composições em inglês e em 2008 lançaram seu primeiro CD todo em português, “Quem defende pra calar”. No [show que fizeram na Verdurada](#), em São Paulo, Elisa fez o seguinte discurso antes de entoar a canção “Filhas, mães e irmãs”:

“A música que a gente vai fazer agora é da fase nova da banda, cantando em português, e uma música que fala de violência. (...) E, na época que a gente fez essa música, um mês depois, aconteceu o caso de que uma menina de 15 anos foi jogada dentro de uma cela com mais de 20 presos na região norte do país, foi estuprada sequencialmente por todos eles e demorou mais de um mês pras pessoas saberem dessa situação. Isso causa uma revolta muito grande na gente, justo num momento em que a gente está querendo falar mais de violência e, de uma maneira mais clara, em português, porque a gente acha importante. Então, esta música, eu queria dedicar a todas as mulheres que cotidianamente resistem contra a violência doméstica e a todos os rapazes que um dia foram sensíveis à causa das mulheres e que quiseram se juntar a nós. Esta música é pra vocês, também.”

Um sinal claro de como ainda é necessário sensibilizar a população para as situações de abuso e violência que as mulheres vêm se submetendo e que, apesar de algum avanço nas leis, pouco tem mudado culturalmente.

Em 2002, a banda participou da edição holandesa do [LadyFest](#) – festival político- cultural feminista, sem fins lucrativos, surgido no ano 2000 nos EUA – e, em 2004, Elisa programou e organizou a primeira [edição brasileira](#) do evento, que atraiu um público de mais de mil pessoas e contou com shows de oito bandas femininas, cinco workshops, três exposições e, duas exibições de vídeos com produção independente e feminina. Os projetos do evento incorporam a ideia do “faça-você-mesmo”, com as próprias garotas tocando os instrumentos, compondo, atuando como DJs, técnicas de som, fotógrafas, cinegrafistas e divulgadoras, como bem observou a Draª em Ciências Sociais, Regina Facchini em seu artigo [“Não faz mal pensar que não se está só”](#), publicado neste ano pelo Cadernos Pagu. Nele, Regina relata tudo o que observou entre os anos de 2004 a 2007, em que esteve em campo. Em um dos depoimentos, uma menina chamada Beatriz conta um pouco sobre o lema do movimento:

“O faça-você-mesmo, tipo, se você não fizer, ninguém vai fazer. Isso é a coisa central no riot grrrl. Você não perder seu tempo com os caras, se eles quiserem ouvir o que você tem a dizer, beleza. A ideia é você fortalecer as meninas, não é você convencer um menino de que ele tá errado, é você pegar e ensinar a menina a se defender. Esse é o preceito central do riot grrrl pra gente, isso eu levo pra vida inteira. Porque, o quê que aconteceu? Uma das grandes ferramentas da cultura mesmo, até pra barrar o feminismo, é esse papinho: “Não, vocês estão sendo contra homens, não sei o quê”. E aí, tipo, a gente foi percebendo que isso tava entupindo o nosso canal de comunicação com as meninas. O cara vem me questionar, eu falo assim “Você quer aprender alguma coisa, você tá afim mesmo de entender alguma coisa ou você tá querendo me irritar?” O feminismo do riot grrrl é isso, e é muito agressivo, nesse sentido, pros homens, né? Ele é um tipo de feminismo que pega porque ele ignora os caras em alguns níveis. E é assim que a gente construiu a cena.”

Homossexualidade

Embora não seja uma das principais bandeiras do movimento, a homossexualidade está bem presente na cena riot grrrl, que reivindica também a liberdade sexual e uma referência são as [dykes](#) (termo em inglês similar ao “sapatão” brasileiro, que foi apropriado de maneira positiva pelas lésbicas da cena). No artigo de Regina, encontramos outro depoimento de Beatriz, importante para se entender a questão da homossexualidade:

*“Acho que a grande diferença é uma coisa muito ligada à **estética***, o feminismo das jovens do rock também está ligado a uma maneira de se vestir, a uma música que você escuta e não é muito profundo intelectualmente, assim, com pouca informação. São poucas as meninas que, de fato, vão atrás de coisas. A maioria pega como uma doutrina de vida por já ter desconfiado que estava alguma coisa errada e se identifica com isso: “Eu sou feminista, porque eu acho errado os caras serem toscos comigo e machistas” ou “Eu sou feminista, sim, porque eu acredito que as mulheres precisam ter mais direitos.” Uma coisa bem básica. No feminismo do pessoal de ONG ou que vai a congresso, a galera leu mais livro. As*

porque eu acredito que os membros precisam ter mais liberdade. Uma coisa bem comum. No feminismo eu preciso de algo de que falar e congressos, a gente tem mais medo. No Jovens Feministas, por exemplo, quando eu encontro com elas, o papo vai um pouco mais longe do que quando eu encontro com as meninas de banda, eu consigo aprofundar um pouco mais. Só que, em alguns momentos, no feminismo da cena, a discussão que as meninas têm em termos de sexualidade tá um pouco mais aprofundada. Existe mais transgressão de gênero, esteticamente, acontecendo no feminismo roqueiro. Elas estão brincando e, até meio intuitivamente, elas estão colocando em prática um feminismo até mais profundo do que o tradicional. A menina estar vestida de homem cantando no palco, e aí tira a roupa, fica com roupa de mulher e fala: “Ah, eu vou fazer o que eu quiser”... Pra quem olha tem um impacto de ter um feminismo transgressor. Isso eu não vou ver num congresso. Não é profundo intelectualmente, ela não falou um discurso mega elaborado de gênero, só que aquilo tem um impacto que é muito interessante pras meninas que estão vendo. No rock feminista, as meninas falam: “Ah, vou te comer” ou “dei pra fulana”. Então, não têm muitos pudores em usar esses termos que normalmente levam a discussões sobre o sexo lésbico ser horizontal... Elas se apropriam dos termos, têm menos medo de linguagem e acho que rola uma apropriação boa, sabe, de termos que são considerados tradicionalmente machistas e que elas acabam tirando o poder desses termos. E aí tem essa diferença. Aí, que eu vejo que a gente tem uma coisa estética importante, a gente tem mais prática com carisma, a gente domina a linguagem mais que elas, a gente mobiliza melhor, é mais generosa com informação, a gente lidera melhor, entendeu? Elas conseguem grana, a gente não consegue trabalhar com coisas de governo, mas a gente consegue juntar mil meninas num festival.”

Sendo uma cena onde as questões femininas, sejam elas quais forem, é o foco principal de debates, uma cena de questionamentos sobre os lugares que as mulheres podem ocupar, é compreensível que o “drama dyke” (como definiu a pesquisadora) encontre um campo propício para ser encenado, atraindo meninas que se identificam com tal “transgressão estética”.

Cena Brasileira

*“Na televisão... MTV, rádio... acho que precisa dar mais espaço. Pelo que vejo, a cena feminina de rock brasileiro underground não se importa muito com isso especificamente. É uma cena muito independente. Não é porque o rádio não quer tocar que elas vão deixar de fazer show ou gravar disco. Pessoalmente, gostaria de ver mais meninas na televisão tocando instrumentos, não só como cantoras.” Elisa Gargiulo, quando perguntada sobre a presença das mulheres no rock.***

Além da Dominatrix, a cena brasileira contou com outras bandas, que não estão mais em atividade. Uma delas era a brasileira [Bulimia](#), formada em 1998, que trazia letras em português abordando temas como preconceito e igualdade. O único CD da banda “Se Julgar Incapaz Foi o Maior Erro que Cometeu” foi lançado já quando a banda não estava mais em atividade, porém a Bulimia ainda é lembrada como uma das bandas mais importantes do riot grrrl brasileiro e sua música “Punk rock não é só pro seu namorado” foi classificada por Facchini como um “hino”:

O que te impede de lutar?

O que te impede de falar?

Pare de se esconder

Você não é pior que ninguém

Punk rock não é só pro seu namorado

Você sempre quis tocar

Você sempre quis andar de skate

Você que sempre quis quis quis

Você não é um enfeite!

Punk rock não é só pro seu namorado

Faça o que tiver vontade

Mostre o que você pensa

Tenha a sua personalidade

Não se esconda atrás de um homem

Além das bandas, o movimento contou com portais, zines e e-zines, todos curiosamente inativos. O mais recente se chama [Menstrual Attack](#), e foi fundado em 2008 com o objetivo de informar e apoiar bandas “femininas e feministas” envolvidas com o underground, nacional e estrangeiro. A última postagem do e-zine data do ano de 2009.

O mais importante zine do movimento era o [Bendita Zine](#), surgido em 2001, que tinha a proposta de chamar a atenção para as violências cometidas contra mulheres, publicando casos verídicos relatos em primeira pessoa. Ao final do Bendita enquanto projeto, uma das idealizadoras divulgou a seguinte nota:

“É muito complicado explicar o que faz com que a gente se dedique por tanto tempo a uma empreitada e depois resolva deixar de lado. Não quer dizer que o valor daquelas ideias tenha se perdido, mas simplesmente que com o passar do tempo passamos a acreditar mais em outras abordagens, isso pela nossa experiência, pela nossa história de vida e pelas expectativas que nós criamos. Bom, eu posso falar por mim, e estou cansada. Cansada, mas não desacreditada entendam. Bom, isso é só para dar um apontamento para quem costumava ainda frequentar a página do bendita. Aquela contribuição se foi, o que ela representava não, e isso não quer dizer que desistimos.”

Outras Bandas do Movimento

[Kaos Klitoriano](#) – “O nome “Kaos Klitoriano” significa a humilhação da mulher, a invisibilidade, inferioridade, a violência, objeto de procriação, “é o Kaos” da existência da mulher dentro da história. E “clitóris” é uma palavra forte ligada às mulheres”. As letras da banda falam sobre aborto, política e amor livre e a banda ganhou algum espaço na cena de Brasília, mas suas integrantes partiram para outros projetos.

[She Hoos Go](#) – É a mais recente banda influenciada pela cena riot grrrl, e surgiu no final de 2009 em Pelotas/RS. Segundo a baterista Simone Del Ponte, um dos objetivos é “não deixar o movimento morrer”, mesmo com todas as dificuldades para encontrar apoio no público gaúcho.

E também:

Cosmogonia, Sündae, Banda Pulso, The Hats, Lava, Suffragettes, Biggs, Clínica, Santa Claus, Frida

Um de vocês vai dizer que não viu nada, não ouviu nada.

Um de vocês vai me dizer 'vai devagar, sem acusar'.

A violência se faz,

A indiferença se faz,

A intolerância se faz sem testemunha.

Dentro de casa, nas ruas do subúrbio,

Dentro de casamento e nas delegacias.

Não faz mal pensar que não se está só.

Um de vocês vai dizer que não viu nada, não ouviu nada.

Um de vocês vai me dizer 'vai devagar, sem acusar'.

E também sofrem as ricas disfarçadas, as mães executivas e as presidiárias.

O grito mudo das filhas do subúrbio penetra nas entranhas do teu ouvido surdo.

Não faz mal pensar que não se está só.

(Filhas, mães e irmãs; Dominatrix)

Para saber mais

- DVD: "Don't Need You: The History of Riot Grrrl", por Kerri Koch
- Livro: "Girls to The Front – The True Story of The Riot Grrrl Revolution", por Sara Marcus

*Grifo meu

**Fonte: [Blog Teenager Whore](#)

Compartilhe!



Autoras Convidadas

Somos várias, com diferentes experiências de vida. A gente continua essa história do Feminismo nas ruas e na rede.

[More Posts](#)

Relacionado



Mulheres, Feminismo e Rock and Roll
Em "Cultura e Mídia"



Mulheres no Volante
Em "Cultura e Mídia"



Essa mulher negra desarmada foi morta pela polícia.
Por que não marchamos por ela?
Em "Raça e Etnia"

Este post foi publicado em: [Cultura e Mídia](#), [Feminismo e Movimentos Sociais](#) com as Tags: [Bikini Kill](#), [Kathleen Hanna](#), [música](#), [punk](#), [Riot Grrrl](#) por: [Autoras Convidadas](#).
Arquivado em: [Link permanente \[http://blogueirasfeministas.com/2011/07/musica-feminista-riot-girls/\]](http://blogueirasfeministas.com/2011/07/musica-feminista-riot-girls/).

**Sobre: Autoras Convidadas**

Somos várias, com diferentes experiências de vida. A gente continua essa história do Feminismo nas ruas e na rede.

[Ver todas as postagens de: Autoras Convidadas →](#)

12 Comentários para: “A MÚSICA FEMINISTA DAS RIOT GIRLS”**Escarlata**

no dia 13/07/2011 às 15:26 disse:

Conheci o Riot Grrrl semana passada, e to ouvindo bastante bikini kill. É tão feminista e implacável, elas não tem medo de chocar e de se fazerem ouvidas. To bastante empolgada para conhecer, mas queria conhecer bandas atuais que ainda estão no movimento, mas ta difícil.

**Bah**

no dia 13/07/2011 às 15:58 disse:

Muito bom! Ouvi pela primeira vez a palavra feminismo e tudo o que ela representa através do riot grrrl, que veio do meu gosto pela música punk. Com certeza uma das minhas maiores influências por eu ser quem eu sou hoje. Abraços!

**Luka**

no dia 13/07/2011 às 16:56 disse:

Renata parabéns pela estréia e nada mais oportuno do que falar sobre o riot grrrl! Não apenas das pautas políticas tradicionais vive a militância e teu post ajuda muito a colocar isso =]

**Bruna Provazi**

no dia 13/07/2011 às 17:14 disse:

Massa o post, Renata!

Pra mim, a melhor parte da volta dos anos 90 é a popularização do riot grrrl.

Você conhece o Festival Mulheres no Volante? :))

<http://www.mulheresnovolante.com>

Vida longa ao feminismo no rock!

**elisa gargiulo**

no dia 13/07/2011 às 17:17 disse:

oi renata

fiquei emocionada com o texto e a transversalidade que você criou entre coisas do DIY e textos acadêmicos importantíssimos como a que a Facchini produziu. o dia do rock é das minas! beijo

**Renata**

no dia 13/07/2011 às 18:26 disse:

Nossa, que bacana um comentário da Elisa! Fico feliz de vc ter curtido!

E obrigada, meninas, pelos comentários 😊

**Fernando**

no dia 13/07/2011 às 18:16 disse:

Acho importante ter essa outra abordagem feminista que não seja só a dos congressos, livros, etc. Essa vulgarização (no bom sentido) do feminismo é necessária e as vezes o caminho mais curto pra alcançar mais mulheres que sentem as inquietações mas não sabem por onde começar.

A ideia de trazer mais mulheres pra luta ignorando os homens faz um bom contraponto com aquele vídeo do Tony Porter. Não se pode esperar que a resolução dos problemas femininos venham das mãos dos homens. Seria o mesmo que esperar que os problemas gerados pelo capitalismo sejam resolvidos pelo mercado. Aos homens que quiserem participar ótimo.

Vale lembrar que boa parte das pessoas que participam da formação dos homens são mulheres(mães, professoras) e tendo mais mulheres feministas com certeza teremos menos homens machistas.



Fernando

no dia 13/07/2011 às 18:28 disse:

Esqueci de falar uma coisa rsrs. Gostaria de saber se vocês têm mais informações sobre movimentos parecidos em outros estilos musicais. O Rock sempre foi transgressor mas no Brasil creio que o alcance dele é meio restringido à algumas classes sociais mais do que a outras. Por outro lado o machismo permeia todas as classes sociais com as devidas agravantes relacionadas à condição social.



Kori

no dia 14/07/2011 às 12:02 disse:

Ahh, que legal! Quando eu era mais nova ouvia muito as riot grrrls, com o tempo eu fui ouvindo outras coisas, mas dominatrix e kathleen hanna tão sempre no meu coração! hehue



Thayz Athayde

no dia 14/07/2011 às 14:22 disse:

Super bacana o texto! O feminismo tem que ir em todos os lugares e não só nos textos acadêmicos!

Rock feminista nel@!



Bih D'lima

no dia 15/07/2011 às 18:58 disse:

Oi Renata, parabéns por abordar tão bem sobre este movimento que apareceu em resposta às atitudes machistas e sexistas que dominavam o mundo do punk rock e mostrar que o Riot Grrrl não é apenas contra os pensamentos em relação a mulheres tocarem guitarra, baixo ou bateria e fazer um som pesado, mas também em relação a tudo que a mulher sofria e (ainda) sofre de preconceitos...

(Bikini Kill, L7, The Breeders!) Só me fazem ter a mais pura certeza de que garotas e guitarras são compaiveis..

Long live rock female!!!



Cláudia G.

no dia 16/07/2011 às 17:49 disse:

Simplesmente maravilhoso o seu texto, Renata! Sem nada mais a acrescentar, porque você disse TUDO! Acho que de certa forma, tod@s somos Riot: lutamos contra aquilo que nós oprime e tira a nossa liberdade.

Um abraço e é muito bom saber que a cena vem crescendo e se tornando forte. Aproveito também para manifestar o meu interesse em me reunir com umas grrrls e fazer um som. Sou vocalista e em breve também serei baixista! Se alguém aí tiver a fim de tentar, será muito bem vinda!